MAR ABERTO

Por Sofia Fransolin

Peça em um ato. Dois atores e duas vozes.

Caixa preta. Escuridão. Silêncio. Atmosfera de interrogatório.

PAI: Quando foi que você falou pela última vez? *Enfático.* Com ele. É claro que eu digo, com ele. Quando foi?

JOVEM: Já faz tanto tempo.

PAI: *Verborrágico.* Eu sei que a coisa não foi como você planejou. Não aconteceu, simplesmente, não rolou. Eu nem vou falar que agora é tarde. Porque é, isso nós sabemos. Mas, você se lembra?

JOVEM: Do que?

PAI: De como foi. Falar com ele pela última vez. Você imaginava?

JOVEM: Não imaginava nada.

PAI: Você nem suspeitava?

JOVEM: Não suspeitava nada.

PAI: Que loucura que é essa vida, não mesmo? Agora, também não vai falar mais.

JOVEM: *Irritada.* Eu sei. Se você puder por favor sair um pouco daqui. Me dar um espaço, eu quero muito a solidão agora. *Suplica.* Será que você consegue sumir? Eu não estou mais afim de pensar sobre esse assunto. Não tô mais afim de relembrar esse assunto. Será que você consegue? Sumir. Consegue, vai. *Irritada.* Some daqui. Some daqui!

PAI: Me expulsa? Ou melhor, tenta me expulsar?

Silêncio

PAI: Você sabe que eu não vou embora, né? Não vou te deixar sozinha. Aqui é perigoso.

JOVEM: Cala a boca!

Silêncio. As luzes do recinto se acendem. A jovem está sentada em uma cadeira. Uma mesa com papéis na sua frente. A luz ilumina seu rosto de frente, a cega. Ela está sozinha.

JOVEM: Se eu pudesse escolher qualquer lugar no mundo para abrir meus olhos, eu escolheria enxergar o mar. Tem algo lá que não tem aqui. Não sei bem explicar. É como se eu me sentisse pequena como sou. É o verdadeiro choque de realidade diante da realidade que é ser tão insignificante. Eu queria todo dia poder vê-lo. Eu escorreria água de sal pelos olhos todos os dias se eu pudesse vê-lo. Eu lembraria todo segundo o que me importa. Eu prometo. Eu prometo. Se você me deixar fugir para bem longe para ver o mar, eu juro que não volto nunca mais, eu vou ser feliz de verdade. Te prometo. Te prometo mandar uns postais para dizer que estou viva, que respiro por aqui. Só me deixa, por favor, flutuar. Me deixa ir indo, longe, distante, até parecer um pontinho no horizonte e então cair no redondo da terra para nunca mais. Eu vou ser feliz.

A luz forte branca que cega se apaga. Escuridão. Zumbido agudo. Foco a pino acende na jovem deitada em cima da mesa. O pai não é iluminado.

PAI: Eu não vou te deixar sozinha. Aqui é perigoso.

JOVEM: Aqui é minha casa.

PAI: Oh, me desculpe, começo de novo: Eu não vou te deixar sozinha. Sua casa é perigosa.

Jovem olha para a esquerda. Olha para a direita. Olha para trás procurando o pai. Olha para frente. Silêncio.

JOVEM: Eu só peço: Eu prefiro ficar sozinha.

Pai desata a rir.

PAI: *Irônico.* Meu bem, minha querida. Eu sinto muito se sua vontade maior é estar sozinha, eu desejo estar aqui. Ficamos por isso mesmo.

JOVEM: *Poética.* Eu só gostaria que por hoje você ficasse quieto para sempre. Assim, talvez eu consiga me ouvir. Eu sinto falta da voz dos meus próprios pensamentos. Eu sinto falta do tempo.

Silêncio.

JOVEM: *Objetiva.* É isso.

Silêncio.

JOVEM: *Titubeante.* Ainda aí?

Silêncio.

JOVEM: *Irritada.* MERDA!

Silêncio. Ela se levanta da mesa. A caixa preta está inteira iluminada. Não há ninguém. Ninguém além dela.

JOVEM: *Poética.* É mais difícil falar quando não se sabe se alguém ouve. Eu não precisaria falar se estivesse sozinha. Bastaria eu pensar e *voilà,* eu já saberia. Mas essa incerteza. Essa puta incerteza não me deixa ficar quieta porque, se por algum acaso você ainda estiver por aqui, então eu gostaria que me ouvisse. *Titubeante.* Eu quero estar sozinha. Foi o que eu disse agora a pouco, algumas falas atrás. Mas, acho que repensando. Eu prefiro estar sozinha, mas com você. Assim, como estamos é ótimo por exemplo. Eu finjo acreditar que você me ouve, eu finjo que você ainda existe aqui do meu lado.

Silêncio. Escuridão.

Luz que cega. Os dois estão se olhando, ela sentada na cadeira, ele em pé ao seu lado. Escuridão. Luz que cega. Ninguém está em cena. Escuridão. Luz que cega. Ela está sozinha no fundo do espaço à esquerda.

JOVEM: *Caminha cortando o espaço pela diagonal.* Se eu pudesse encontrá-lo uma última vez. Uma única vez. Se eu pudesse encontrá-lo eu já nem sei o que diria. Pois sabendo que eu nunca mais o encontraria talvez nada pudesse ser dito. Tem coisa que não podemos evitar. Então, se eu o encontrasse eu acho que sorriria. *Para e sorri.* Um jeito doce de se despedir. Para depois nunca mais. *Volta a caminhar.*

Chega no canto direito. Olha para trás. Escuridão. Penumbra no palco. Um foco bastante fraco na jovem que ouve com atenção o diálogo a seguir. Menina é gravação em áudio.

MENINA: Até 20. Até 20 mil enquanto eu escondo. E aí, você me procura, tá? Se você não me achar você grita: "Vem cá". E eu apareço. Mas aí eu ganhei, tá? Mas você vai me achar...Num vai? Você é grande eu sou pequena. Você vai me achar! Vai....já! Até

20 mil, não vale espiar!!! Você espiou...Eu vi. Eu vi! De novo, mais uma vez. 1, 2, 3 e já! Você vai me achar!

Escuridão no espaço. O foco de luz que ilumina a jovem se intensifica. Funcionária é gravação em áudio.

JOVEM: *Muita incerteza.* Olá? Eu vim visitar.... Eu vim visitar meu. Ele. *Silêncio.* Eu vim ver meu pai.

FUNCIONÁRIA: *Cortante.* Ele não está mais.

JOVEM: *Amedrontada.* Ele volta?

FUNCIONÁRIA: *Seca.* Volta tarde. Dia desses. Não vale a pena esperar.

JOVEM: *Gentil.* Eu tenho tempo.

FUNCIONÁRIA: *Seca.* Não vale a pena esperar.

JOVEM: *Sai do canto direito e começa a caminhar. O objetivo é encontrar a funcionária.* Eu tenho horas pra gastar. Eu não faço nada com elas. Eu só acumulo, acumulo, acumulo, para poder gastar quando assim. Quando quero.

FUNCIONÁRIA: *Cortante.* É tarde demais.

Jovem se assusta.

JOVEM: Mas eu precisava. Eu preciso.

FUNCIONÁRIA: *Depois de pequeno silêncio.* Hora agendada?

JOVEM: *Para de procurar pela funcionária. Dúbia.* Não.

FUNCIONÁRIA: *Seca.* Não tenho como te auxiliar.

JOVEM: *Olhando para a frente, como se implorasse para a funcionária.* Mas eu sempre venho...

FUNCIONÁRIA: *Cortante.* Não lembro. Não consta.

JOVEM: *Confusa.* Algum erro.

FUNCIONÁRIA: *Maternal.* Não insista.

JOVEM: *Infantil.* Por favor. Por favor. Eu precisava entregar meu sorriso.

Escuridão. A jovem está novamente sentada na cadeira em frente a mesa. Foco na jovem.

JOVEM: Vem cá. Você ainda está aí? Você se calou desde que eu disse para se calar. A obediência às vezes assusta.

PAI: *Aparecendo ao lado dela. Bem perto. Dando um susto.* Bu!

Jovem se assusta. O foco se amplia. Agora vemos o pai pela primeira vez.

PAI: Eu tô. Eu disse que não sairia. Aqui é um lugar perigoso.

JOVEM: *Ri.* É engraçado. É engraçado alguém achar que a sua presença pode mudar o mundo. É muita confiança para uma figura. Admirável. *Irônica.* De repente eu estou segura por estar com você. Como que.... Esse mesmo espaço. Quieto. Onde só eu até agora habitava. Você, em silêncio, se silenciava. Esse mesmo espaço era seguro porque sua ausência falsificada tornava-o seguro. Mas, e eu?

PAI: *Irônico.* Você pensa demais.

JOVEM: É.

Silêncio.

JOVEM: Você se lembra do mar? *Para si. Se policiando.* Como você gosta de falar do mar. *Se respondendo.* É recorrente. Falta criatividade. É que.... Quando a gente está no mar a gente se sente pequenininha. Eu gosto de me sentir pequenininha. Me coloca no lugar. Não acha?

Em tom de interrogatório novamente.

PAI: Não sei dizer.

JOVEM: Nunca foi para o mar?

PAI: Já.

JOVEM: Então...

PAI: Então que nunca olhei por essa perspectiva.

JOVEM: Não leva muito tempo. É uma questão de observar.

PAI: Numa próxima.

JOVEM: Eu não te entendo.

PAI: Não precisa.

JOVEM: Isso foi brega.

PAI: Faz parte.

JOVEM: Mas é verdade. Eu não te entendo.

PAI: Uma hora vai.

JOVEM: Você já pensou que -.

PAI: O que?

JOVEM: Não sei dizer.

PAI: Sabe sim.

JOVEM: Você já pensou que o que a gente consegue ver é quase nada?

PAI: Já.

JOVEM: Quer dizer. *Começa a poetizar.* A gente olha para cima e vê as estrelas, mas elas são só uma partezinha de tudo. A gente olha pra baixo e vê a água. Mas a gente não consegue mergulhar fundo o suficiente. *Objetiva.* Entende? A gente nunca mergulha fundo o suficiente nas coisas.

PAI: Quantos anos você tem mesmo?

JOVEM: Porque isso importa?

PAI: É uma pergunta simples.

JOVEM: Vinte e um.

PAI: Tão nova...

JOVEM: E porque isso importa?

PAI: É uma constatação. Assim como as suas.

JOVEM: O que não quer dizer que seja verdade. Mas eu concordo com você.

PAI: E eu com você.

JOVEM: E você, quantos anos tem?

PAI: Muitos.

JOVEM: Muitos é uma resposta variável

PAI: Eu deixei de contar.

JOVEM: Não pergunto mais nada.

PAI: Mas eu te respondi.

JOVEM: Você não vai se apresentar, certo? Quer dizer. *Começa a poetizar.* Você poderia ter se apresentado lá no início, mas você fingia não existir. E agora, agora nos tornamos bons amigos e eu continuo sem te conhecer.

PAI: A gente se conhece aos poucos.

JOVEM: Você sabe mais de mim do que eu de você.

PAI: Bom, eu não tenho escolha.

JOVEM: Eu sinto falta dele.

PAI: Eu sei.

JOVEM: Eu acho que você não sabe direito. *Começa a poetizar.* Eu sinto muita falta. Eu queria que estivéssemos brincando. Mas a gente não está. Faz tempo que eu não brinco mais. Eu nem me lembro quando foi. Só sei que uma hora a gente para. Passa um tempo, às vezes um tempo longo demais e, de repente a gente lembra que parou de brincar. Mas agora, nesse exato momento, eu queria que fosse brincadeira. *Objetiva.* Você não vai mais embora?

PAI: Eu nunca cheguei. Mas eu posso ficar quieto.

JOVEM: Não sei. É bom poder falar.

Escuridão. Fim do interrogatório.. Luz se amplia aos poucos, iluminando todo o espaço, não há nada além da jovem deitada. Deitada em cima da mesa, como se fosse sua cama. Seu quarto. Confortável. Juvenil.

JOVEM: *Desabafa.* Fazia tempo que eu não falava tanto. É bom conversar. Eu achei que iria aparecer mais gente. No fim das contas tá até que vazio. Eu não sei se isso é pior ou melhor. Acho que nada é bom numa hora dessas. Só é. *Silêncio. Interessada, indagativa.* Você já boiou no meio do mar? Dá um puta medo. A gente perde um pouco a noção do espaço-tempo. Aí quando a gente abre o olho estamos longe donde estávamos, ou então, às vezes, nem saímos do lugar. Imprevisível. Mas é gostoso. Eu fiz isso poucas vezes porque sempre fui medrosa. Fui fazer só mais velha. Mas nunca sozinha. Até agora. Vai que apareço do outro lado do mundo. Eu queria sumir por uns segundos. Aparecer lá na China. Para ver se esquecia um pouco disso aqui.

A luz se acende ao máximo. Forte e branca, cega.

JOVEM: Aonde você foi parar!?

A jovem se levanta procurando pelo pai. Percorre todo o espaço enquanto a Menina fala.

MENINA: Se você não me achar você grita: "Vem cá". E eu apareço. Mas aí eu ganhei, tá? Mas você vai me achar...Num vai? Você é grande eu sou pequena. Você vai me achar! Vai....já! Até 20 mil, não vale espiar!!! Você espiou...Eu vi. Eu vi! De novo mais uma vez. 1, 2, 3 e já! Você vai me achar! Você é grande eu sou pequena, você é grande.

Você tá grande. Vem cá! E eu apareço porque eu sou grande e você é pequena. E aí eu ganhei. Você sabe ganhar?

A jovem para. Ofegante. O pai a encara.

JOVEM: Eu tava descansando um pouquinho. Eu estou muito cansada.

Busca a cadeira. Senta-se. Recompõe-se.

JOVEM: Eu preciso descansar. Eu tô muito cansada.

Deita sua cabeça sobre a mesa. Fecha os olhos. Zumbido agudo. Abre os olhos. Levanta a cabeça da mesa. Zumbido cessa. Fecha os olhos. deita-se. Zumbido agudo. Abre os olhos, levanta-se. Zumbido cessa. Fecha os olhos. Deita-se. Zumbido agudo. Abre os olhos. Levanta-se.

JOVEM: *Irritadiça.* Isso tá ficando impraticável.

PAI: Descansa

JOVEM: Porque você volta quando eu não quero?

PAI: Eu nunca fui... Só estava quieto.

JOVEM: *Tranquila.* Eu fico feliz.

PAI: Você tá mudando.

JOVEM: Talvez.

A jovem começa a fechar os olhos novamente. Lutando com o sono.

PAI: Você devia descansar.

JOVEM: *Cansada.* Eu não quero perder mais nada.

PAI: Você pode perder um pouco. Ainda é cedo.

JOVEM: *Cansada.* Mas o tempo voa.

PAI: Você devia descansar um pouco. Você tá pescando.

JOVEM: *Melancólica.* Ele gostava de pescar.

PAI: *Objetivo.* Eu digo seus olhos. Seus olhos estão pescando.

JOVEM: *Presa na lembrança.* Eu tinha esquecido dessa parte. Eu sempre tive dó dos bichinhos. Mas ele gostava. Achava.... Como é que era? Achava terapêutico. Talvez fosse. Há paciência para tirar uma vida.

Pai ri.

PAI: Palavras bonitas.

JOVENS: Tristes.

PAI: Você devia dormir.

JOVEM: *Cansada.* Eu não sei se quero.

PAI: *Paternal.* Você tá pescando. Você tá lutando contra o sono.

JOVEM: Eu não quero perder mais nada.

PAI: Você não vai perder. Só vai continuar em outro lugar.

Diálogo veloz.

JOVEM: Sem ele.

PAI: Quem sabe?

JOVEM: Você promete?

PAI: Prometo o que?

JOVEM: Que eu não vou perder nada.

PAI: Você já perdeu muito por hoje.

JOVEM: Promete?

PAI: Garanto.

JOVEM: Eu tô tão cansada.

PAI: Eu sei.

Silêncio pesado.

JOVEM: Eu te perdoo.

PAI: Por que?

JOVEM: Pelo que você fez.

PAI: Eu não fiz nada.

JOVEM: Você entendeu. Você não fez nada, mas fez o que tinha que fazer.

PAI: Éassim que é.

JOVEM: Eu sei.

PAI: Agora dorme.

JOVEM: Obrigada.

PAI: Eu não fiz nada.

JOVEM: Você tá aqui.

PAI: Eu nunca saí.

Escuridão.

MENINA: Até 20. Até 20 mil enquanto eu escondo. E aí, você me procura, tá? Se você não me achar você grita: "Vem cá". E eu apareço. Mas aí eu ganhei, tá? Mas você vai me achar...Num vai? Você é grande eu sou pequena. Você vai me achar! Vai....já! Até 20 mil, não vale espiar!!! Você espiou...Eu vi. Eu vi! De novo, mais uma vez. 1, 2, 3 e já! Você vai me achar! Você vai me achar porque sou pequena. Meus pézinhos no pé da cortina e o riso abafado. Você vai fingir que não ouve e permanecer gritando pelo meu nome por alguns instantes. Eu vou ficar com dó de você e do seu desespero e vou aparecer correndo e dizer que tá tudo bem, papai, tá tudo bem, eu não sumi. Eu não sumi, você sumiu. Você sumiu no dia que entrou naquela sala branca. E antes nós estávamos boiando. Eu te convenci a não pescar. Você desistiu de matar e morreu. Eu deixei de comer o peixe para te comprar um caixão bonito e você vivia dizendo que queria se queimar. Eu te desobedeci como desobedeço sempre. A verdade é que agora, quando eu terminar de contar. 19.999. Eu nunca mais vou te achar. Porque agora eu sou grande, eu sou grande e você é pequeno. Deitado, terreno. Tem terra na sua boca onde deveria ter fogo. Mas eu fui desobediente. Eu deixei flores em cima de você e elas nunca brotam. Elas nunca brotam e isso me frustra. Você as mata ainda morto. Como os peixes. Até 20. 19 e abro os olhos antes porque ouvi seu grito. Sabia que era perigoso. Aqui é perigoso. É perigoso se esconder. Agora não te acho mais. Eu agora sou grande, eu agora não brinco mais. Você entrou naquela sala, você se escondeu de mim. E todos

te ajudaram a ir embora. A última vez que te vi você já tinha ido embora. Aqui e agora. Sozinha. É perigoso.

Luz no centro da caixa preta. A mesa, em cima dela o pai encoberto por flores murchas.

A jovem entra no foco de luz aos poucos ela está toda molhada, da cabeça aos pés e trás consigo uma caixinha de fósforos. Retira todas as flores de cima do pai até que ele esteja completamente exposto e sujo de terra. A menina então acende um fósforo e assiste ao pai queimar. Enquanto a ação acontece, ela sussurra.

JOVEM: Eu te sujei de terra e você nunca nem gostou do cheiro das flores. Mas desse jeito era mais fácil de aceitar. Era mais fácil não te ver. Mas quem disse que o senhor deixou de aparecer. Eu espero que ainda não seja tarde demais. Mas o tempo já não existe mais. Ao menos, não pra você. Isso conforta o meu desespero. E tardiamente eu te respeito. *Acendendo o fósforo.* Para você que dizia que seu sonho era ser cinza no mar aberto. Por você vou navegar.

O pai é finalmente cremado. A jovem assiste ao fogo consumindo o corpo até não sobrar mais nada.